

Vestida para matar - Um ensaio sobre a inveja

Dressed to kill. An essay about envy

Gina Tamburrino

Resumo:

Neste artigo a autora expõe algumas reflexões sobre o modo como a inveja se apresenta na relação analítica. De modo especial, explora a relação entre a *rêverie* que emerge em sua escuta e as possíveis relações com a fome e a vida intrauterina da paciente.

Palavras-chave:

Inveja; Vida intrauterina; *Rêverie*; Análise.

Abstract:

In this article, the author provides some reflections upon the way in which envy manifests itself in the analytical relationship. She especially explores the relation between the *rêverie* emerging in her listening and the possible relations between hunger and her patient's intrauterine life.

Keywords:

Envy; Intrauterine life; *Rêverie*; Analysis.

*A mente é seu próprio espaço, e nele
Pode criar um paraíso de um inferno, um inferno de um paraíso.*
(PARAÍSO PERDIDO, JOHN MILTON, 1667)

UMA MÃE PRECISA aprender a segurar o seu bebê no colo, apesar da intuição materna natural que revela a herança psíquica do humano. Porém, toda mãe “de primeira viagem”, ou mesmo “velha de guerra”, deve se perguntar em algum momento de sua experiência de maternidade: “O que há de errado com o meu bebê” se ele continua “reclamando” depois de ter sido amamentado, banhado, trocado, ninado, tocado em seus pontos estratégicos em que são acometidos de dor...; tudo em ordem, e ele berra!

Podemos nós, desconfiar: “tudo *aparentemente* em ordem, e ele berra!”

Bianca chegava chorosa e reclamando da dura jornada que havia enfrentado no trabalho...; voz rouca, baixa, às vezes aos sussurros..., quase inaudível. Demonstrava um esforço em falar. Em alguns momentos pronunciava sua exaustão: “*nem dá pra falar... dói falar... eu só queria ficar quieta...*”, “*não sei como sobrevivo*”. Entretanto, pareço escutar “não sei por que sobrevivo”.

Era curioso observar que se por um lado Bianca revelava-se narradora de um discurso melancólico, presente em sua voz e gestos, por outro se revelava uma moça de aparência muito cuidada e capaz de vigorosos passos em seu cotidiano, especialmente no trabalho, onde podia *ser vista* e sentir-se reconhecida. Sua expressão em nada combinava com os aspectos de sua narração deprimida. Considerava que desenvolvia atividades importantes no ambiente de trabalho, “que seus colegas não davam conta”. Falava de si como alguém que se tornara alvo dos colegas de forma elogiosa por conseguir “aguentar coisas que ninguém suportava”. De modo especial, referia-se aos pedidos que vinham de sua chefia que costumava distribuir ordens duras e abusivas. Essas ordens, dizia Bianca, causavam muito mal-estar na equipe; mas ela, “com seu jeito tranquilo” e atitudes muito assertivas, conseguia realizar tudo muito bem e sem criar climas; por isso era tão elogiada. Dizia suportar atender às expectativas da chefia, para não ser cobrada. Isso ela não suportava. “*Já que precisa fazer, por que vou esperar a cobrança? Faço e pronto!*”

Bianca parecia, nessas narrativas, considerar que os colegas sentiam inveja de suas atitudes. Entretanto, não se referia a uma inveja sentida como destrutiva, mas falava da admiração que percebia que os colegas sentiam por ela. Sentia-se lisonjeada e orgulhosa por perceber que era “a melhor”. Ao mesmo tempo, parecia nutrir um sentimento de depreciação pelos co-

legas, embora não reconhecesse esse sentimento, nem de longe. Isto não compareceu de forma clara, dentro da relação analítica que ainda era muito inicial. Mas avalio que ao perceber a admiração que os colegas sentiam por ela, Bianca estava tentando se proteger de sua própria inveja de não ser capaz de reconhecer o mesmo nos outros; a bondade, a criatividade, o amor. Ao contrário, precisava depreciar o que o outro podia oferecer e sentir-se possuindo o bom só para si.

Desde criança foi considerada a primeira aluna da classe e a filha mais obediente; agora era a funcionária mais brilhante e esmerada, que suportava qualquer pressão e exigência. *“Ninguém nunca me forçou a nada, minha mãe nunca me exigiu ser perfeita, eu é que sou assim, isso é meu mesmo, não consigo ser diferente...; é meu!”*

Veio procurar análise porque não suportava ficar longe do namorado que morava em sua cidade de origem. *“Não suporto a separação, me dói, me dói demais, é algo insuportável. Mas, quando ele vem me ver enlouqueço com sua presença, seus mimos e dedicação; fico loooouca! Queria alguém que pudesse ficar comigo, queria casar, assim esse sofrimento acabava de uma vez.”* Bianca parecia referir-se com essa fala, que sempre retornava, a um desejo de aprisionar, sequestrar o outro, tomar posse dele, controlá-lo e não perdê-lo de vista.

Em outros momentos, porém, dizia que seu maior problema era o seu corpo, que se sentia infeliz porque não conseguia ser magra... Era uma moça bonita, mas achava-se muito gorda, tinha ódio de si mesma porque não conseguia emagrecer: *“Tenho inveja das anoréxicas... daria tudo para ser uma.”* Trabalhava num hospital e sempre que tinha oportunidade ficava espreitando as anoréxicas internadas.

Assim, Bianca foi revelando, entre fantasias e cenas de sua vida real, algo perturbador em seus relacionamentos com as pessoas que “a alimentavam de algum modo”. Na ocasião em que o namorado veio visitá-la, enchendo-a de afeto e atenção, expressou: *“Tenho vontade de morrer, de tanto ódio...”* Desabou e chorou muito. Nesses episódios era possível ver a transformação do ódio em desespero. *“Eu não entendo como posso sentir desespero quando ele está longe e tanto ódio quando ele se aproxima. O que é isso?”* Ela parecia sentir-se desintegrando: *“A sensação que tenho é de estar dentro de um liquidificador ligado...”*

Relatou um episódio em que estava comendo biscoitos com as colegas do trabalho: *“Eu ainda estava comendo quando a dona dos biscoitos fechou o pacote; nossa! Eu fico com muuuuuta raiva quando fazem isso. Não faça isso comigo, não faça isso comigo!”*

Também, entregando imagens aos seus sentimentos e mostrando as proporções que seu ódio alcançava, contou-me sobre um namorado que a ameaçou de morte com uma arma em sua cabeça; um episódio terrível

sobre como esse namorado “realmente” manifestou seu ódio diante do desprezo de Bianca. “*Eu não sinto nada, nem senti no dia.*”

Quando iniciei a escrita deste episódio lembrei-me vagamente de um trecho de um romance de Sidney Sheldon lido anos atrás. Nele havia uma mulher abandonada grávida que resumiu sua vida, durante o período da gravidez, na tarefa de superalimentar o bebê que carregava em seu ventre até o ponto de poder matá-lo.

Desse modo, Bianca foi dando contorno à minha escuta, fazendo conhecer o calibre do ódio que a dominava e despertava nas pessoas que cativava e depois descartava impiedosamente. Mas, também, foi assinalando o cenário interno de desespero, ódio e medo.

Em seus relatos comparava uma perturbadora oscilação entre o medo e o ódio de ser rejeitada e abandonada. Repentinamente seu discurso mudava para queixar-se do corpo. Culpava seu corpo por não conseguir o namorado ideal, embora suas queixas pudessem parecer estranhas diante dos relatos de conquistas e encontros que aconteciam. Era recorrente expressar que saía “*vestida para matar*”. Mas, qualquer “conquista” era esvaziada muito rapidamente.

Mais do que suas palavras podiam revelar, havia algo em seu tom de voz e em sua comunicação que fazia conhecer sua perturbação profunda despertada pelas oscilações constantes entre estados de amor e ódio. De *inocente e frágil Cisne Branco* a *malicioso e sensual Cisne Negro*¹, ela sentia-se enlouquecer.

De um lado, parecia haver medo de perceber-se sendo amada, o que a levava a responder com ódio e rejeição; talvez por sentir-se perto demais do que desejava/necessitava (SPILLIUS, 2000, p. 269). De outro lado, havia o ódio de ser (sentir-se) rejeitada, ao que ela respondia com ódio de vingança (saía vestida para matar) ou com desespero; oscilações que a faziam sentir-se dentro de um liquidificador. Em algumas situações telefonou-me desesperada, sem “uma razão” aparente; em outras, creio que movida pelo ódio e medo despertados ao final das sessões, Bianca ameaçava sair dali e acabar com sua vida (meter o carro num poste, tomar “veneno com o chá da noite”). Em alguns desses momentos eu pensava que talvez ela estivesse tentando chamar minha atenção, ou, mostrar-me o quanto havia de desespero incontido, como “um bebê” que espera ser alcançado pelos braços maternos. Era difícil ponderar. Portanto, nas ve-

1 Cisne Negro (Black Swan) é um filme baseado na produção do balé dramático “O Lago dos Cisnes” de Piotr Ilitch Tchaikovsky. O filme leva à reflexão da fragilidade do Cisne Branco amoroso e frágil, e do ódio assustador do cisne negro. Ódio e amor permaneciam cindidos, fortalecendo a destrutividade.

zes em que me senti assim, temi que suas ideias suicidas encarnassem uma atitude real e, então, eu telefonava para “saber” como ela estava e se continuava viva.

Quando parecia estar mais organizada psiquicamente, emocionalmente mais contida e próxima de si, Bianca conseguia encadear palavras com emoção, então falava do quanto ficava assustada com a rapidez com que seu estado de humor se alternava; num dia estava morrendo de amor por alguém, e no outro sentia tanto ódio que mal podia se conter... *“Parece que acontece alguma coisa que eu não entendo, e aí muda, acaba de repente, e quando acaba não posso ficar mais nenhum minuto com a pessoa..., queria encontrar alguém e casar, assim isso pararia de acontecer...”*. Bianca estaria tentando encontrar conforto numa ideia idealizada de união com o outro? Teria uma necessidade de fusão para negar a separação?

Bianca foi mostrando algo curioso: tinha dificuldade em dizer não; parecia acometida de uma paralisia que a impedia de dizer claramente o que sentia. Fato é que silenciosamente ela levava o outro a sentir-se desprezível, e o ódio eclodia daí. Comecei a perceber que quando Bianca me contava estas cenas, por mais de uma vez senti-me identificada com a vítima de suas rejeições e ficava imaginando o que fazia alguém ficar submetido a tamanho desprezo. Em alguns momentos “me surpreendi” procurando uma saída para seus pares. Disse-lhe, então, que quando isso acontecia, ela se colocava em situações limite, como a que viveu com o ex-namorado. Isto pareceu lhe surtir algum sentido, mas no momento seguinte mostrou-se deliciada com a ideia de que era capaz de provocar a fúria no outro; *“nunca pensei que a minha raiva (que na verdade era ódio) pudesse provocar isso em alguém”*, e, ao invés de sentir medo, culpa, vergonha..., sentiu-se feliz e poderosa. Precisava saber do ódio do outro e, para isto, às vezes chegava tão perto que era assustador; talvez precisasse reafirmar sua condição de sobrevivente de experiências que a colocavam no limite da vida.

Foi em meio a situações narradas por Bianca (em que me sentia identificada com a vítima de suas agressões), enquanto ela me contava sobre os maus tratos infringidos ao atual namorado que emergiram em minha mente *imagens de um ninho de passarinhos sendo construído pela mãe-pássaro. Ela ia e vinha agitada trazendo cada galhinho para a sua construção. Em seguida, eu via os ovinhos que ela havia botado, e, na sequência, ela os devorava...*

Ainda nessa sessão, depois dessa *rêverie*, e talvez por causa dela, recordei um relato das primeiras sessões que, nesse momento, ganhou novo colorido: a mãe de Bianca havia passado muito mal durante sua gravidez; *“ela morreu de fome durante os nove meses porque não conseguia segurar os alimentos, só vomitava”*.

Diante desse cenário, de um início ainda frágil de análise, o circuito se repete na atualidade da sessão analítica e é criado entre a dupla. Com apenas dois meses de trabalho, após uma tentativa de construção de uma demanda de análise, *a construção de um ninho*, Bianca aborta o processo e decide interrompê-lo dizendo que iria para um “*personal trainer*” que “*poderá me ajudar a emagrecer e sair desse sofrimento*”. Emagrecer, perder a barriga? O que isto poderia significar?

CONSIDERAÇÕES À EXPERIÊNCIA INTRAUTERINA E A INVEJA

(...) *há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do ato de nascimento nos teria feito acreditar.*
(FREUD, 1926, p. 162)

Ao nascer, o bebê experimenta ansiedade (KLEIN, 1946; 1952; 1957), pois ao perder um estado em que se sentia seguro e confortável necessita se adaptar ao novo estado de vida. Buscar ar (respirar), esforçar-se na ingestão de alimento (mamar), fazer certo esforço para expelir o que lhe causa desconforto (fezes). Precisa adaptar-se aos contornos desconhecidos, às mãos que acolhem, mas que se apresentam como superfícies desconhecidas ao ambiente intrauterino que o continha e protegia. Por isto, ao nascer, o bebê experimenta ansiedade. O bebê, então, ao fazer a passagem da vida intrauterina ao mundo externo, nascer, precisa lançar mão de mecanismos de defesa para sobreviver às ansiedades que são sentidas como “estar morrendo, sendo aniquilado” através das sensações e sentimentos de medo, dor, frio, insegurança, entre outros, que ele só pode experimentar como desconforto. São sensações inomináveis por se tratarem de experiências muito iniciais da vida externa, experiências arcaicas.

Lembrando Freud (1926), que considera haver *mais continuidade entre a vida intrauterina* e os primórdios *da infância*, Klein (1952) afirma que a primeira *fonte externa de ansiedade é encontrada na experiência do nascimento* e, possivelmente, *abrange as experiências desagradáveis do bebê ainda não nascido* (1957, p. 210), ou seja, possivelmente as angústias da mãe ecoam no bebê ainda não nascido.

O estado pré-natal indubitavelmente implica um sentimento de unidade e segurança, mas o quanto esse estado está livre de perturbações depende necessariamente das condições psicológicas e físicas

da mãe, e, possivelmente, até mesmo de certos fatores, não investigados até o presente momento, no bebê ainda não nascido.

(KLEIN, 1957, p. 210)

Contudo, as *experiências desagradáveis* e o *sentimento de segurança* que o bebê experimenta, ainda dentro do útero materno, “*prenunciam a relação dupla com a mãe: o seio bom e o seio mau*” (KLEIN, 1957, p. 210). Elas se reúnem às primeiras experiências de “*proximidade física e mental com o seio gratificador*”, que o bebê conhece a partir da experiência do nascimento, e podem restaurar, em parte, “*a perdida unidade pré-natal com a mãe e o sentimento de segurança que a acompanha*” (KLEIN, 1957, p. 210).

No caso de Bianca, supomos que a importante dificuldade para a mãe alimentar-se tenha gerado uma considerável cota de angústias nela, mas também - e creio que o mais importante -, devemos estimar o quanto estas dificuldades “tocaram” Bianca em sua vida intrauterina e, ainda, como se transformaram na experiência das primeiras relações de objeto.

Notamos que, ao invés de haver oscilação equilibrada entre boas e más experiências durante o período pré-natal, houve uma prevalência de experiências angustiantes experimentadas pela mãe e, conseqüentemente, pelo bebê ainda não nascido, ocasionadas pelas dificuldades de alimentação da mãe. Assim, o estado de segurança e confiança a ser *restaurado* muito possivelmente já estivesse afetado em desvantagem para as experiências iniciais de gratificação e internalização do bom objeto originário.

O anseio pelo estado pré-natal idealizado torna-se uma fonte de ansiedade persecutória mobilizada pelo nascimento (KLEIN, 1957, p. 210). Spillius (2000), acompanhando Klein (1957), considera que:

A experiência e a expressão de inveja, e, na verdade, de amor e de ódio em geral, ocorrem e se desenvolvem nos relacionamentos com os objetos, *de maneira que nunca se pode conhecer o componente constitucional não modificado pela experiência*. (SPILLIUS, 2000, p. 254; *grifos meus*).

Pode-se dizer que existe uma importância na experiência pré-natal que se junta aos primeiros cuidados maternos do início da vida do par mãe-bebê. Portanto, parece evidente que existe algo constitucional que não pode ser ignorado, mas “*quanto da inveja (...) é constitucional, quanto se desenvolveu da experiência com os objetos, e quanto resulta do processo de interação entre as duas*”

(SPILLIUS, 2000, p. 254) não pode ser afirmado. A partir daquilo que o analista experimenta na relação com o paciente, no encontro analítico, é possível obter alguma notícia de “*como a inveja está hoje no seu mundo interno*”; quão forte ela é, como se apresenta na relação com o analista, e que tipo de defesas são utilizadas pelo paciente (SPILLIUS, 2000, p. 254).

No caso de Bianca, sabemos que a experiência de gestação da mãe esteve longe de ser tranquila. Ela narra esta história nos *primeiros relatos* do encontro analítico, levando-me a considerar a importância deste *fato analítico*, tanto em seu aspecto constitutivo, como em seus aspectos de desenvolvimento nas experiências com os objetos.

SENTIDOS POSSÍVEIS

Embora Bianca demonstrasse, através de seus conteúdos trazidos à análise, uma importante necessidade de ser amada e de se ligar amorosamente a alguém, ela apresentava uma atitude muito avessa a qualquer aproximação. Possivelmente estivesse tentando se defender de algo sentido como ameaça, e me pergunto: Quanto desse medo está apoiado nas experiências intrauterinas? Falava de como se sentia assustada com suas abruptas mudanças; num momento queria tanto estar com o namorado, e no seguinte só podia odiá-lo com tanta força que “sentia” poder matá-lo... Mas Bianca não podia dimensionar o quanto tais oscilações em seu estado mental despertavam ódio no outro, colocando-a no fio da navalha, como o episódio em que o namorado a ameaçou com uma arma.

A imagem que surge na experiência com essa paciente faz pensar sobre o que Bion (1959, p. 109) refere à parte psicótica de determinados pacientes. Alguns pacientes estabelecem relações de *ataques destrutivos* dirigidos a *tudo aquilo que, no seu sentir, tenha a função de ligar um objeto a outro*. Que motivos inconscientes teriam levado Bianca a atacar as ligações que estabelecia para aplacar o desespero do abandono? Este era o movimento sem sentido que a enlouquecia. Ligava-se desesperadamente, mobilizada pelo desamparo, era tomada pelo ódio causado pela percepção de sua dependência, atacava com violência, produzindo desligamentos e destruição. Este era o ciclo repetitivo em que ela se sentia “dentro de um liquidificador”. Parece que, de modo inconsciente, a parte em que ela própria viveu o perigo de ser um bebê que pudesse sucumbir a um ventre inóspito, permanecia cindida e comparecia em suas atuações de ódio.

Se por um lado Bianca “sente que fez” com que a mãe morresse de fome, por outro é possível pensar que ela também alimentasse uma “fantasia” de uma mãe má e egoísta que não queria alimentá-la. Não tive notícias da mãe

de Bianca através de sua narração, durante o pouco tempo em que nos encontramos. Mas, pondero que talvez ela (mãe) tenha experimentado a gravidez como uma intrusão da qual devesse se defender, e defendeu-se, reagindo através dos constantes vômitos. Que inscrições essa experiência teria feito na realidade psíquica de Bianca? Durante sua estadia no útero materno e depois em sua vida extrauterina, nos relacionamentos com o objeto primário?

Sabemos que a mãe de Bianca não pôde se alimentar durante toda a gravidez, e este fato que Bianca “conhece” através da narração da mãe, e através da experiência de ter estado lá.

Na análise, a experiência entre analista e analisanda parece se constituir referida ao medo da paciente se sentir atacada pela analista como uma espécie de reedição de suas vivências arcaicas, relativas à sua ligação primitiva com a mãe. O que possivelmente Bianca temia era que, por trás da construção do ninho analítico, pudesse irromper a destruição e/ou abandono deste. Nesta linha, seria possível considerar o ódio de Bianca como uma forma de defesa contra o ódio que temia que fosse vertido sobre ela.

Com Bion (1962) é possível pensar na imagem que se apresenta à analista como uma experiência de *rêverie*, alcançada num momento de permeabilidade às comunicações inconscientes da paciente com as quais foi possível à analista acolher, conter e transformar (função alfa) as protoemoções (elementos beta), alcançando elementos alfa que se apresentaram através da *rêverie* do ninho. Embora tenha ocorrido uma transformação na mente da analista relacionada ao momento do encontro (*rêverie* do ninho), essas transformações não avançaram através das perlaborações, no trabalho da dupla, que pudessem operar transformações mais profundas. Um dos possíveis desdobramentos seria o reconhecimento dos afetos ligados ao fato de que ela, ao mesmo tempo, construía ninhos e devorava pássaros. Sempre está em jogo o modo como a dupla é capaz de narrar as transformações, as quais operam num gradiente, que podem ir desde verbalizações que expressem os sentimentos que habitam o encontro analítico, até atuações como a que deflagrou a interrupção da análise.

Assim, esta empreitada “parece” ter terminado onde poderia começar; mas já “sabemos” que algumas análises começam onde outras terminam... Os ovos foram comidos e não foi possível, nem ao menos, escutar “o trincar de cascas”, prenúncio dos rebentos anunciados...

REFERÊNCIAS

BION, W. R. (1959) Ataques à ligação. In: *Estudos Psicanalíticos revisados (Second Thoughts)*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 109-126.

_____. (1962) Uma teoria sobre o pensar. In: *Estudos Psicanalíticos revisados (Second Thoughts)*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p.127-137.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

(1926) Inibição, Sintoma e Angústia, v. 20.

KLEIN, M. (1946) Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 17-43.

_____. (1952) Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.85-118.

_____. (1957) Inveja e Gratidão In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 205-267.

SPILLIUS, E. B. (2000) Tipos de experiência invejosa. In: *Uma visão da evolução clínica kleiniana: da antropologia à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2007. p. 251-275.